

# O EMPREITEIRO NA INDÚSTRIA CITRÍCOLA PAULISTA<sup>1</sup>

Celma da Silva Lago Baptistella<sup>2</sup>  
Francisco Alberto Pino<sup>3</sup>  
Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco<sup>4</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO <sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup> <sup>4</sup>

O empreiteiro, também denominado turmeiro ou “gato”, é um personagem muito conhecido na agricultura paulista. “O crescimento e a importância dessa categoria de trabalho fez-se sentir na década de sessenta, principalmente, a partir de 1963, ano em que foi instituído o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), equiparando os trabalhadores rurais aos urbanos. Os proprietários, para fugirem às obrigações impostas, passaram a contratar os serviços de um único homem: o empreiteiro, que se encarregava somente da contratação de mão-de-obra temporária. Normalmente, este arrematava trabalhadores desempregados pagos por dia de serviço e a um preço previamente fixado” (VICENTE e LAGO, 1986, p.23). Além do ETR, fatores como composição da produção, políticas governamentais e introdução de máquinas agrícolas contribuíram para a consolidação dessa categoria de trabalho.

A composição da produção agrícola no Estado, variável influente no emprego de trabalhadores, passou por importantes mudanças. “Ao final dos anos sessentas e início dos setentas, algumas políticas governamentais sofreram alterações, passando a apoiar a agricultura, especialmente os produtos chamados de exportáveis e agroindustriais. À medida que esses produtos tiveram sua produção incentivada, seja diretamente por meio de mecanismos de preços, seja pelo crédito facilitado e subsidiado, experimenta-

ram grande expansão de área, em parte às custas da retração de áreas anteriormente ocupadas com produtos, basicamente, de mercado interno” (VICENTE e BAPTISTELLA, 1986, p.30). A criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (1965) facilitou ao agricultor a compra de insumos e de equipamentos modernos. A introdução de máquinas agrícolas e a aplicação de técnicas de produção mais modernas propiciaram a intensificação do uso da tração motomecânica nas diversas operações de cultivo, alterando, também, a estrutura de produção (VICENTE e LAGO, 1986).

Nota-se que diversos fatores atuaram para que a demanda por trabalhadores volantes e, conseqüentemente, por turmeiros, aumentasse significativamente, principalmente em algumas épocas do ano.

Na cultura da laranja, a época em que se arrematava o maior número de empreiteiros é na colheita. A safra estende-se de maio a dezembro, porém o principal período de colheita concentra-se os meses de setembro a novembro.

A decisão de estudar exclusivamente os empreiteiros ligados às indústrias de sucos concentrados de laranja baseou-se na expressão que esse setor tem na absorção da fruta e pela estrutura organizacional que possuíam para arrematar mão-de-obra.

Várias pesquisas<sup>5</sup> sobre o trabalhador rural citam o empreiteiro como elemento polêmico, por atuar como agenciador de mão-de-obra “liberando” o produtor rural dos encargos sociais. Por exercer esse papel, o empreiteiro atuava, de um lado, como explorador da mão-de-obra restando uma parcela dos ganhos dos trabalhadores e, de outro, contribuía para que os trabalhadores

<sup>1</sup>Os autores agradecem a colaboração dos Pesquisadores Científicos Dra. Maria Carloa Meloni Vicente, Dr. Antonio Ambrosio Amaro e Mestre Ana Maria Montragio Pires de Camargo, da Associação Brasileira dos Exportadores de Citrus (ABECITRUS) e das Indústrias processadoras de suco concentrado congelado de laranja.

<sup>2</sup>Sociólogo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>4</sup>Estatístico, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>5</sup>As primeiras pesquisas que discutem este tema datam da década de 30, como, por exemplo, CANABRAVA; MENDES (1938), no entanto, é a partir da década de 60 que os estudiosos se debruçam sobre o tema como, ETTORI (1961), VASSIMOM (1966); GONZALES; BASTOS (1975), ALMEIDA (1977), GRAZIANO DA SILVA (1982), MELO (1983), BACCARIN (1985), CORTEZ (1993), BORBA (1994), dentre outros.

não obtivessem os direitos trabalhistas. Embora o turmeiro exista de fato e há muito tempo, pouco se sabe sobre esse tipo de trabalhador que sempre fora tratado nas pesquisas como dado na estrutura do mercado de trabalho rural sem, no entanto, discuti-lo. Procurando suprir essa falta, pretende-se expor nesta pesquisa o perfil do empreiteiro e sua relação com a indústria citrícola e com o colhedor de laranja.

## 2 - MATERIAL E MÉTODO

A população alvo deste estudo era constituída pelos empreiteiros (turmas) de colhedores de laranja, para produção de suco concentrado congelado no Estado de São Paulo, na safra 1993/94. O cadastro ou relação de empreiteiros foi fornecido pelas próprias indústrias. Foram contabilizadas 1.455 turmas, ligadas às onze empresas produtoras de suco de laranja concentrado congelado, reunindo um total de 42.923 colhedores, com média geral em todas as empresas de 30 colhedores por turma, mínimo de 20, na empresa Frutax, e máximo de 35 pessoas, na empresa Montecitrus (Tabela 1). Duas outras empresas foram excluídas do estudo: a Central Citrus Indústria e Comércio Ltda e Royal Citrus Ltda, que trabalhavam com fruta-posta fábrica<sup>6</sup>.

Os dados da pesquisa foram obtidos por levantamento de campo, mediante a aplicação de um questionário aos empreiteiros. Uma amostra probabilística de empreiteiros foi especialmente delineada, dado que realizar um censo seria inviável. O tamanho da amostra foi fixado em função do custo e da factibilidade do levantamento no campo. Assim, dentro do período de tempo disponível para o levantamento (de outubro a meados de dezembro, quando se encerrava a colheita das frutas destinadas à indústria) previu-se que seria possível levantar cerca de 30 turmas, sendo pelo menos duas turmas por empresa.

Assim, realizou-se um levantamento por amostragem (o assunto pode ser encontrado, por exemplo, em KISH, 1965), sendo a população de empreiteiros estratificada por empresa, isto é, cada empresa constituiu um estrato. Era

<sup>6</sup>O termo fruta-posta fábrica significa o suprimento de fruta oferecida diretamente pelo produtor ou fruteiro que se encarrega de realizar a colheita e o transporte até a fábrica.

de se esperar que essa estratificação, além de facilitar o trabalho de localização dos elementos sorteados, também aumentasse a precisão, já que era razoável supor heterogeneidade entre empresas (e homogeneidade dentro delas) quanto aos métodos de trabalho e as relações trabalhistas. A estratificação permitiu, ainda, obter alguns dados em nível de empresa. Em cada estrato (empresa) as turmas foram sorteadas aleatoriamente, com igual probabilidade de seleção entre aquelas que estavam trabalhando no dia da visita de campo. Convém assinalar que essa amostra era parte de uma amostra maior, em dois estágios, para levantamento dos próprios colhedores de laranja, na qual o sorteio de turmas (conglomerados) consistia no primeiro estágio de amostragem de um delineamento amostral estratificado com conglomerados desiguais (BAPTISTELLA, 1998).

Para as fórmulas de cálculo utilizou-se a seguinte notação:

$A=1.455$ : número total de turmas na população;

$A_h$ : número de turmas na população, na empresa  $h$ , com  $h=1, 2, \dots, 11$ ;

$a=30$ : número de turmas na amostra;

$a_h$ : número de turmas, na empresa  $h$ , com  $h=1, 2, \dots, 11$ ; e

$f_h$ : fração amostral na empresa  $h$ , com  $h=1, 2, \dots, 11$ .

Para uma dada variável  $Y$  tem-se a seguinte notação:

$y_{hj}$ : valor amostral para a  $j$ -ésima turma, da empresa  $h$ , com  $h=1, 2, \dots, 11$  e  $j=1, 2, \dots, a_h$ ;

$y_h$ : total amostral para a empresa  $h$ , com  $h=1, 2, \dots, 11$ ;

$\bar{y}_h$ : média amostral para a empresa  $h$ ;

$\bar{y}$ : média amostral geral;

$\hat{Y}_h$ : estimativa do total da empresa  $h$ ; e

$\hat{Y}$ : estimativa do total geral.

Na empresa  $h$  tem-se:

$$f_h = \frac{a_h}{A_h} \quad (1)$$

De KISH (1965), deduzem-se as estimativas a seguir, para uma dada variável  $Y$ . Na empresa  $h$  a média é estimada por:

$$\bar{y}_h = \frac{y_h}{a_h} = \frac{\sum_{j=1}^{a_h} y_{hj}}{a_h} \quad (2)$$

TABELA 1 - Distribuição dos Trabalhadores na Colheita de Laranja por Empresa, Estado de São Paulo, 1994

Empresa	População <sup>1</sup>			Amostra <sup>2</sup>		
	Número de turmas	Número de colhedores	Número de colhedores por turma	Número de turmas	Número de colhedores	Número de colhedores por turma
Cutrale	466	13.337	28,6	2	27	13,5
Citrosuco	391	12.727	32,5	4	41	10,3
Coinbra-Frutesp	268	6.895	25,7	3	34	11,3
Cargill	113	3.136	27,8	3	41	13,7
Montecitrus	53	1.855	35,0	2	18	9,0
Bascitrus	46	1.550	33,7	3	28	9,3
Cambuhy	45	1.125	25,0	2	27	13,5
Branco Peres	32	756	23,6	3	29	9,7
CTM Citrus	29	752	25,9	4	49	12,3
Citrovita	29	730	25,2	2	21	10,5
Frutax	3	60	20,0	2	23	11,5
Total	1.455	42.923	29,5	30	335	11,2

<sup>1</sup>Refere-se a todos os colhedores de todas as turmas (empregados) existentes nas indústrias relacionadas.

<sup>2</sup>Refere-se à amostra de empregados (turmas).

Fonte: BAPTISTELLA (1998)

com variância estimada por:

$$var(\bar{y}_h) = \frac{1}{a_h^2} [var(y_h)] \quad (3)$$

onde

$$var(y_h) = \frac{1 - f_h}{a_h - 1} \left( a_h \sum_{j=1}^{a_h} y_{hj}^2 - y_h^2 \right) \quad (4)$$

A média geral é estimada por:

$$\bar{y} = \sum_{h=1}^{11} W_h \bar{y}_h \quad (5)$$

onde os pesos são dados por:

$$W_h = \frac{A_h}{A} \quad (6)$$

e com variância estimada por:

$$var(\bar{y}) = \sum_{h=1}^{11} W_h^2 var(\bar{y}_h) \quad (7)$$

A estimativa do total da empresa  $h$  é dada por:

$$\hat{Y}_h = A_h \bar{y}_h \quad (8)$$

com variância estimada por:

$$var(\hat{Y}_h) = A_h^2 var(\bar{y}_h) \quad (9)$$

A estimativa do total geral é dada por:

$$\hat{Y} = A \bar{y} \quad (10)$$

ou, usando (5) e (6):

$$\hat{Y} = \sum_{h=1}^{II} A_h \bar{y}_h = \sum_{h=1}^{II} \hat{Y}_h \quad (11)$$

com variância estimada por

$$\text{var}(\hat{Y}) = A^2 \text{var}(\bar{y}) \quad (12)$$

O erro de amostragem percentual para uma estimativa  $x$  qualquer (por exemplo, média ou total) é dado pelo coeficiente de variação:

$$EA(x) = 100 \frac{x}{DP(x)} \quad (13)$$

onde o desvio padrão é dado por

$$DP(x) = \sqrt{\text{var}(x)} \quad (14)$$

O efeito do esquema amostral (*design effect*) pode ser medido pela relação entre a variância da estimativa da média e a variância de uma amostra casual simples de mesmo tamanho. Em cada estrato e para cada variável, tem-se:

$$\text{deff}(\bar{y}) = \frac{\text{var}(\bar{y})}{(1 - f_h) s_h^2 / n} \quad (15)$$

onde

$$s_h^2 = \frac{1}{n_h - 1} \left[ \sum_{j=1}^{a_h} y_{hj}^2 - \left( \sum_{j=1}^{a_h} y_{hj} \right)^2 / a_h \right] \quad (16)$$

### 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se, a seguir, os resultados da pesquisa com base na amostra de empreiteiros nas indústrias citrícolas do Estado de São Paulo. Para manter sigilo sobre dados individuais, as empresas foram reordenadas e denominadas indústrias de A a L.

Verificou-se que no setor citrícola havia a presença de mulheres coordenando as turmas

de colheita. Nas décadas anteriores, essa função sempre fora exercida por homens. Embora não seja expressiva a participação feminina na coordenação das turmas de colheita (8% no conjunto das empresas no Estado de São Paulo), notou-se uma significativa contratação dessas profissionais nas indústrias A, com 25%, e E, com 33% (Tabela 2). Pôde ser observado nas entrevistas que as empreiteiras detinham atitudes firmes na coordenação e distribuição dos serviços no pomar, eram hábeis em resolver os problemas próprios de sua função, nada ficando a dever aos seus colegas do sexo masculino.

Quanto à idade média dos empreiteiros, pôde-se caracterizá-los como indivíduos adultos, embora se tenha observado uma grande amplitude entre a idade mínima e a máxima desses profissionais (Tabela 2). O que se constatou para os jovens empreiteiros foi que seus pais os introduziram nessa atividade, fornecendo-lhes, muitas vezes, o ônibus que constitui um dos requisitos para exercer a atividade.

Os resultados indicaram que 92% dos empreiteiros possuíam ônibus para o transporte de turma, variando de 1 a 2 veículos<sup>7</sup>. Os que tinham dois ônibus, geralmente, destinavam o segundo ao filho ou à esposa que exercia a atividade, ou alugavam-no a outros empreiteiros, fato não corriqueiro<sup>8</sup>. Algumas indústrias forneciam ônibus ou caminhões para o transporte de turmas para os empreiteiros que ainda não tinham adquirido seus próprios veículos. Houve, também, 11% de empreiteiros que possuíam caminhões para o transporte das frutas, agilizando o trabalho no pomar e aumentando seus rendimentos mensais<sup>9</sup>.

Inicialmente, para o empreiteiro ser contratado pelas empresas e desempenhar bem

<sup>7</sup>A Portaria SUP/DER-80, de 05/10/94, do Departamento de Estradas de Rodagem, que dispõe sobre o transporte de trabalhadores rurais por ônibus através das rodovias estaduais, estabelece no Artigo 5º, parágrafo único: "Não serão concedidas autorizações para mais de dois ônibus de propriedade do mesmo interessado".

<sup>8</sup>Foi observado que os veículos utilizados por boa parte dos empreiteiros encontravam-se em precárias condições de conservação e manutenção, em desacordo com as normas estabelecidas pela Portaria SUP/DER-80, de 05/10/94.

<sup>9</sup>Na falta de caminhões, os empreiteiros utilizavam os ônibus para transferir as caixas vazias de um lugar a outro no pomar.

TABELA 2 - Perfil do Empreiteiro na Citricultura, Estado de São Paulo, 1994

Indústria	Sexo masculino (%) <sup>1</sup>	Idade média (anos)	Pais agricultores (%)	Tempo médio de moradia na região (anos)	Tempo médio de estudo (anos)	Tempo médio como empreiteiro (anos)	Nº médio de trabalhadores por turma	Rendimento médio dos colhedores (caixas/dia)
A	75	29	75	16	7	3	33	83
B	100	35	50	32	5	8	29	55
C	100	43	66	30	4	14	25	80
D	100	32	100	24	7	7	29	63
E	67	45	100	39	7	12	30	55
F	100	29	50	17	7	1	26	70
G	100	34	75	29	4	7	30	51
H	100	50	100	39	3	25	33	73
I	100	32	33	25	4	11	28	50
J	100	49	100	38	4	17	22	45
L	100	32	50	32	6	8	28	55
Geral	92	35	66	27	5	8	29	68
Mínimo	-	17	-	2	1	0,5	15	15
Máximo	-	57	-	57	12	35	39	240

<sup>1</sup>125% do sexo feminino na indústria A, 33% na indústria E e 8% no geral.

Fonte: BAPTISTELLA, 1998.

suas funções, os requisitos básicos eram ter conhecimento sobre a atividade agrícola, conhecer a região, ter algum estudo e possuir experiência como empreiteiro.

Verificou-se que a indústria I apresentou a menor média percentual dos empreiteiros que tinham pais agricultores (33%), sendo que nas demais indústrias o mínimo foi de 50% (Tabela 2). Esta informação indicou que a maioria dos empreiteiros detinha um certo grau de conhecimento em trabalhar com a terra.

O tempo de moradia na região e as procedências, tanto dos empreiteiros quanto de seus pais, indicaram que esses trabalhadores conheciam bem a região. Embora se tenham entrevistado empreiteiros com o mínimo de 2 anos de residência na região, no geral, o tempo médio foi de 27 anos. Quanto à procedência, a maioria dos empreiteiros (86%) e seus pais (89%) nasceram no Estado de São Paulo. Estes como Paraná, Pernambuco, Minas Gerais e Bahia, bem como outro país (Itália), foram mencionados, mas com pequena representatividade.

Para os empreiteiros serem contratados pelas empresas um mínimo de estudo fazia-

se necessário, dado que uma das atribuições desse cargo era responsabilizar-se pelo preenchimento dos documentos necessários para o controle das operações por eles supervisionadas, tais como: folha de presença, anotações de produção e notas fiscais, documentos esses necessários à empresa para controle da produção, pagamento correto do trabalho e acertos de produção. Algumas empresas, ainda, sugeriam que os empreiteiros tivessem uma caderneta para anotações com a finalidade de registrarem todos os acontecimentos irregulares que pudessem ter ocorrido com a sua turma envolvendo colhedores, proprietários, materiais, transportes e com as frutas. Com este procedimento havia a garantia de que nenhum detalhe fosse esquecido para a elaboração de relatórios.

Quando os empreiteiros eram contratados recebiam das empresas as normas de procedimentos, atribuições, responsabilidades e um manual de primeiros socorros. No caso das empresas que tinham por filosofia formar equipes de campo, não só se ofereciam as normas, como também se realizavam cursos e treinamentos com a finalidade de garantir a homogeneidade de

conhecimento.

Como toda e qualquer profissão, ter experiência na área é condição necessária para se empregar. Esta regra era válida também para o empreiteiro, dado que muitas indústrias do setor tinham por norma o contrato por safra.

Na época do levantamento, o tempo médio de trabalho como empreiteiro nas indústrias era de 8 anos, com mínimo de seis meses e máximo de 35 anos (Tabela 2). Os empreiteiros que informaram ter menos de um ano de experiência geralmente eram parentes ou amigos de algum empreiteiro que os apresentaram às indústrias.

### 3.1 - Forma de Contrato e Pagamento

Havia três combinações na forma de contrato de trabalho entre os empreiteiros e as indústrias. Na primeira, mais comum, o empreiteiro tinha dois contratos com a indústria: um como trabalhador, ou seja, com registro em carteira que podia variar por tempo determinado (safra) ou indeterminado e o outro autônomo para o transporte da turma e/ou fruta (ônibus, caminhão), que também podia ser por tempo determinado ou não. Na segunda, o empreiteiro tinha o registro em carteira com uma empresa que prestava serviço à indústria e o veículo de transporte podia ou não ter contrato. Na terceira, o empreiteiro não tinha vínculo de trabalho algum.

O empreiteiro recebia seu pagamento semanalmente. O valor podia ser predeterminado ou por produtividade. Em 1994 somente 19% dos empreiteiros tiveram reajuste no pagamento no decorrer da safra, o que gerou insatisfações, principalmente, para os que tinham o valor predeterminado.

Constatou-se que 60% dos empreiteiros exerciam os seus trabalhos somente no setor citrícola. Para os demais, a disputa por serviços na entressafra era muito grande, sendo a alternativa mais comum atuar em outra atividade, como caminhoneiro e prestador de serviço na cidade, ou procurar trabalho como empreiteiro em outra cultura, como no amendoim, no algodão, na cana-de-açúcar, o que significava ter de concorrer com empreiteiros de outras regiões.

Embora tivessem dificuldades na entressafra, 52% dos empreiteiros informaram que pretendiam continuar na atividade e 17% nunca

havia exercido outro trabalho. Dos que informaram já haver exercido outro trabalho, perguntou-se o que faziam e quais as razões que os levaram a deixar o antigo trabalho. Ficou evidente que tornar-se empreiteiro fora uma mudança qualitativa em suas vidas, pois alguns eram colhedores, carregadores, fiscais, aposentados, diaristas, colonos. Para outros, que eram parceiros, meeiros, pequenos produtores e pequenos arrendatários, as dificuldades financeiras em tocar suas atividades levaram-nos a formar suas turmas de trabalho, principalmente quando as indústrias citrícolas e as usinas de cana-de-açúcar, em meados da década de 80, passaram a registrá-los, garantindo-lhes, assim, os benefícios da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

### 3.2 - Responsabilidades e Atribuições do Empreiteiro

Ser funcionário significou, ao empreiteiro, adaptar-se às normas e procedimentos predeterminados pelas empresas. As responsabilidades e atribuições mais comuns que o empreiteiro deveria seguir eram:

- a) recrutar colhedores de acordo com critérios estabelecidos pelo departamento de colheita da empresa. Isso significava procurar escolher pessoas que se encaixassem nas normas ou condições procuradas;
- b) responsabilizar-se por todos os recursos colocados à sua disposição para a realização da colheita, bem como pela conservação da propriedade onde prestava serviço, verificando a colheita na beira da estrada. Com isso, o empreiteiro deveria tomar conta de forma correta de todos os materiais - sacolas, escadas e caixas - sob sua responsabilidade, não deixando caixas de um dia para outro em beiras de estradas;
- c) distribuir adequadamente o trabalho do dia proporcionalmente à capacidade de produção de cada turma;
- d) conduzir e zelar pela conservação de veículo de transporte de colhedores;
- e) responsabilizar-se pelo preenchimento dos documentos necessários para o controle das operações, tais como: folha de presença, anotações de produção e notas fiscais;
- f) informar, ao fiscal do pomar e à empresa, as

- eventuais anormalidades que envolvessem os trabalhadores de turma durante o período de trabalho, para que fossem tomadas as devidas providências;
- g) responsabilizar-se pela abertura do expediente e distribuição dos colhedores nas bancas para evitar atritos entre eles e trânsito desnecessário de pessoas no pomar;
  - h) responsabilizar-se pela desinfecção dos materiais de colheita e do caminhão ou do ônibus de turma, no sentido de evitar aumento ou transporte de doenças ou de pragas;
  - i) procurar, em todo início de colheita, o administrador ou produtor para acertos de colheita;
  - j) programar o carregamento dos caminhões;
  - l) responsabilizar-se pelo registro dos funcionários, uma vez que havia a obrigação de trabalhar somente com aqueles que estivessem registrados;
  - m) evitar dar caronas para não funcionários;
  - n) responsabilizar-se pela utilização de carretas em todos os pomares quando necessário; e
  - o) supervisionar a realização dos trabalhos em campo de acordo com os padrões de qualidade, orientando seus trabalhadores. Isso significava, por exemplo, não utilizar rastelos e ganchos para não misturar as frutas boas com as ruins e não danificar as árvores.

### 3.3 - O Empreiteiro e a Turma

Constituir uma turma de colheita não era tarefa simples, requeria do empreiteiro alguns conhecimentos, habilidades e liderança.

Os empreiteiros formavam de uma a duas turmas de colheita que podiam variar de 15 a 39 pessoas em cada uma (Tabela 2). O número de colhedores estava diretamente relacionado ao volume de trabalho disponível, como também, à habilidade dos indivíduos para trabalhar. Na média, um volante (colhedor) colhia 68 caixas de laranja de 25 a 27kg por dia e os que colhiam acima desta média eram disputados pelos empreiteiros, que lhes ofereciam algumas vantagens como trabalho constante, seja na cultura da laranja ou em outras, e, quando da formação de uma nova turma, estarem entre os primeiros a serem chamados. Os que tinham desempenho espetacular, muitas vezes, eram agraciados pelos turmeiros, que iam buscá-los e levá-los até suas casas, não sendo necessário irem até o

ponto de encontro.

As turmas eram constituídas principalmente por indivíduos que residiam no setor urbano (98%). No entanto, alguns empreiteiros procuravam e contratavam trabalhadores residentes em pequenos sítios nos arredores das cidades, alegando que esses colhedores eram mais habilitados e fáceis de serem coordenados. Este discurso também era válido quando os empreiteiros falavam sobre o trabalho feminino em suas turmas. Embora tivessem afirmado que não existia atividade exclusivamente feminina no pomar, a forma como as colhedoras se organizavam para trabalhar diferenciava-as.

Finalmente, a principal meta do empreiteiro era formar uma boa turma de trabalho e para isso havia a necessidade de existir um bom relacionamento entre os colhedores e o turmeiro e entre este e a indústria. Na opinião dos empreiteiros, bom relacionamento com os colhedores estava intimamente ligado às boas relações que o turmeiro tinha com a indústria, ou seja, com as pessoas que organizavam e distribuíam os pomares, pois isso era sinônimo de boas condições de trabalho e de boa remuneração.

### 4 - CONCLUSÕES

A categoria de trabalho empreiteiro, muito antiga e polêmica na agricultura paulista, consolidou-se com o desenvolvimento do capitalismo no campo, que acelerou a mecanização e a substituição de culturas, favorecendo a monocultura, e alterando a estrutura de absorção de mão-de-obra nas diversas operações de produção, bem como as leis governamentais (especialmente a legislação trabalhista). Os empreiteiros têm sido vistos, ao longo dos anos, como burladores das leis trabalhistas.

Esta pesquisa vem mostrar que os empreiteiros se inserem como categoria de trabalho na cadeia produtiva do setor citrícola. São indivíduos fundamentais para o bom desempenho da colheita e as indústrias contratavam-nos por tempo determinado (safra) ou indeterminado (como funcionários). Os principais critérios de escolha do empreiteiro era que tivesse experiência, co-nhecesse bem a região, possuísse ônibus, detivesse a capacidade de comandar a colheita dentro dos padrões estabelecidos pela empresa e tivesse algum estudo.

Os empreiteiros, por ser uma categoria de trabalho que atua entre as empresas e os volantes, sempre foram estigmatizados e tiveram denominações depreciativas (como "gato"), tanto por parte dos que requerem o seu trabalho e dos que são por eles coordenados, quanto por parte dos que estudam o setor rural. No entanto, há que se levar em conta que, por serem uma categoria de trabalho, as mudanças que ocorrem no setor rural também os afetam.

Suas condições de trabalho e mesmo a permanência na atividade sempre estarão sujeitas: à sazonalidade da cultura; à concorrência entre os empreiteiros, dado que é limitado o número de empresas e de produtores que requisi-

tam seus serviços; à constituição de turmas de eficientes profissionais (volantes); e ao conhecimento de outras regiões e culturas, para não ficarem sem trabalho.

Traçar o perfil do empreiteiro passa a ser o primeiro quesito para que novos estudos sejam desenvolvidos com mais profundidade. Este personagem, que até 1994 era funcionário do setor citrícola, o qual mantinha uma relação de trabalho como exposto, passou em 1995 a atuar, em sua maioria, como pessoa jurídica na formação de cooperativa de trabalho. Trata-se de um caminho fértil de pesquisa, uma nova relação de trabalho ainda carente de estudos científicos.

### LITERATURA CITADA

- ALMEIDA, P. G. Subemprego: o problema do bóia-fria. In: SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO RURAL: direito do trabalho e direito previdenciário rural. São Paulo: FUNDAP, 1977. s.p.
- BACCARIN, J. C. **Trabalhadores rurais volantes da região de Jaboticabal**: crescimento, características e aspectos organizacionais. Piracicaba: USP/ESALQ, 1985. 161p. Dissertação de Mestrado.
- BAPTISTELLA, Celma S. L. **Colhedores de laranja na indústria paulista**. São Paulo: USP/FFLCH, 1998. 157p. Dissertação de Mestrado.
- BORBA, Maria M. Z. **Adequação da força de trabalho rural na moderna agricultura da região de Ribeirão Preto**. Campinas: UNICAMP/IE, 1994. 255p. Tese de Doutorado.
- CANABRAVA, A. P.; MENDES, M. T. A região de Piracicaba. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, n.454, p.275-328, 1938.
- CORTÉZ, K. V. D. **Inovação tecnológica na organização do trabalho**: o surgimento de um novo tipo de trabalhador na cultura canavieira na região de Ribeirão Preto. São Carlos: UFSCar, 1993. 104p. Dissertação de Mestrado.
- ETTORI, Oscar J. T. Mão-de-obra na agricultura de São Paulo: categoria - remuneração - legislação. **Agricultura em São Paulo**, v.8, n.12, p.13-39, dez. 1961.
- GRAZIANO DA SILVA, José. O "bóia-fria": entre aspas e com os pingos nos is. In: Departamento de Economia Rural - FCA de Botucatu, (Org.) **A Mão-de-obra volante na agricultura**. São Paulo; CNPq/UNESP/POLIS, 1982. p.137-177.
- GONZALES, E. N.; BASTOS, M. I. **O trabalho volante na agricultura brasileira**. In: REUNIÃO NACIONAL SOBRE MÃO-DE-OBRA VOLANTE NA AGRICULTURA, 1., Botucatu, 1975. 30p.
- KISH, L. **Survey sampling**. New York: John Wiley, 1965.
- MELO, Maria C. D'Incao. **O bóia-fria**: acumulação e miséria. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 154p.



VASSIMON, Sergio G. Estudo preliminar sobre o problema da mão-de-obra na agricultura no estado de São Paulo. [s.N.t.], 1966. 39p. (Datil.).

VICENTE, Maria C. M.; BAPTISTELLA, Celma S. L. Mão-de-obra na agricultura paulista, 1985. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.16, n.9, p.29-38, set. 1986.

\_\_\_\_\_; LAGO, Celma S. Estimativa do número de trabalhadores não residentes empregados na agricultura paulista, fevereiro de 1985. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.16, n.2, p.23-29, fev. 1986.

### **O EMPREITEIRO NA INDÚSTRIA CITRÍCOLA PAULISTA**

**SINOPSE:** Este artigo trata do empreiteiro de mão-de-obra, seu perfil e suas relações com as indústrias citrícolas e os colhedores de laranja, com base num levantamento por amostragem probabilística especialmente delineado. O empreiteiro é aquele que contrata, organiza e gerencia o trabalho dos colhedores de laranja no Estado de São Paulo. Até 1994, esses empreiteiros costumavam fornecer o trabalho dos colhedores para as indústrias de suco de laranja concentrado congelado, a um preço estabelecido. Os colhedores eram organizados em grupos de 30 trabalhadores, em média. Mostra-se que, ao longo dos anos, o desenvolvimento capitalista do agronegócio transformou esses empreiteiros numa categoria de trabalho, como trabalhadores assalariados, e, em anos recentes, numa pessoa jurídica formadora de cooperativas de trabalho.

**Palavras-chave:** empreiteiro de mão-de-obra, colheita de laranja, levantamento por amostragem.

### **THE LABOR UNDERTAKER IN THE CITRUS INDUSTRY**

**ABSTRACT:** This paper deals with the labor undertaker, his profile and his relationships with the citrus industries and the orange pickers. It is based on a specially designed probabilistic sample survey. The undertaker or pieceworker is the one who contracts, organizes and manages the orange pickers' work in the state of São Paulo, Brazil. Until 1994, these undertakers used to furnish the pickers' work to the frozen concentrated orange juice industries at a established price. Pickers were organized in groups of 30 jobbers, on average. It is shown that, along the years, the capitalist development of the agri-business has transformed these undertakers into a labor category, as wage earner workers, and in recent years, into a legal entity forming labor co-operative associations.

**Key-words:** labor undertaker, orange harvest, sample survey.

Recebido em 19/10/98. Liberado para publicação em 25/02/99.